

## Mecanismo e intencionalidade

Osmyr Faria Gabbi Júnior

**Como citar:** GABBI JÚNIOR, O. F. Mecanismo e intencionalidade. *In:* GONZALES, M. E. Q. *et al.* (org.). **Encontro com as ciências cognitivas**. Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências, 1997. p. 173-192  
DOI: <https://doi.org/10.36311/1997.978-85-60810-30-7.p173-192>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

## Introdução

Achim Stephan, em *Sinn als Bedeutung*, assinala corretamente que a literatura filosófica em torno da psicanálise gira geralmente em torno de dois eixos: uma corrente de inspiração hermenêutica (Habermas, Ricœur, Lacan, Lorenzer) e uma outra de orientação naturalista (a crítica do Círculo de Viena, Popper, Grünbaum)<sup>1</sup>. Acreditamos que se a primeira tem como seu principal defeito *ignorar* o solo naturalista em que germinou a teoria de Freud, a segunda, apesar de reconhecê-lo, limita-se geralmente a fazer de forma variegada uma mesma crítica de natureza epistemológica: a psicanálise não é uma ciência, contudo uma nova teoria psicanalítica, com as devidas alterações, poderia tornar-se científica desde que incorporasse algumas lições metodológicas.<sup>2</sup>

Nossa leitura, ao contrário, procura retomar o solo filosófico original da psicanálise, aparentemente a filosofia de Mill<sup>3</sup>, e procura entender como a questão central de Freud é responder à mesma objeção que Kant colocou no caminho de toda concepção naturalista: ou admitir a existência de princípios *a priori* para a organização da experiência (e abandonar os pressupostos naturalistas) ou cair inevitavelmente seja na fantasia, seja no ceticismo<sup>4</sup>. Nesse sentido, procuramos indicar, nas notas que anexamos à tradução de *Entwurf einer Psychologie* (Freud, 1995), como esta obra poderia ser entendida como uma tentativa de mostrar, contra Kant, como é possível produzir conhecimento — ou seja, recusar tanto a fantasia quanto o ceticismo —, sem admitir princípios *a priori*, organizadores da experiência.

A saída de Freud consistiu em recorrer a uma certa teoria da significação que atribuiu à fala a única função de denotar objetos<sup>5</sup>. Freud acreditava que, ao escrever o *Entwurf einer Psychologie* (1895), estivesse realizando um velho sonho de juventude: a filosofia.<sup>6</sup>

---

<sup>1</sup> As notas correspondentes a este trabalho foram agrupadas na parte final deste artigo.

<sup>2</sup> Departamento de Filosofia da Unicamp - osmyr@turing.unicamp.br

Dada a querela perene entre as filosofias, tornou-se interessante tentar determinar que filosofia Freud tinha em mente quando usava o termo *filosofia*. O fato das noções de representação de objeto e palavra desempenharem um papel relevante na construção da teoria desenvolvida em *Entwurf* levou-nos a rastrear a sua origem em obras anteriores. Encontramos em *Zur Auffassung der Aphasien* indicações de que tais noções teriam sido inspiradas em duas obras capitais de J. Stuart Mill: *A System of Logic* e *An Examination of Sir William Hamilton's Philosophy*. A confrontação entre Mill e Freud mostra-se fecunda para a compreensão e avaliação da teoria sobre o aparelho psíquico apresentada em *Entwurf*. O inegável caráter mecanicista da concepção de Mill sobre o psicológico fornece um referencial interessante para medir o grau de sucesso que Freud teria tido na construção de uma máquina com propriedades intencionais, ou seja, semânticas<sup>7</sup>.

### ***Entwurf einer Psychologie* e o debate entre a leitura naturalista e a hermenêutica**

*Entwurf einer Psychologie* nunca foi publicado por Freud. Este ensaio foi uma tentativa de construir uma teoria do aparelho psíquico que desse conta das descobertas clínicas assinaladas no último capítulo de *Studien über Hysterie* (1895), publicado em parceria com Breuer. O capítulo teórico, escrito pelo último, não era satisfatório para Freud porque recorria a uma concepção fisiológica e, portanto, era incapaz de explicar a sua teoria da defesa. *Entwurf* faz parte da longa correspondência trocada com Fliess e só se tornou acessível a partir de 1950. Desde então conheceu uma longa série de comentadores que na sua maioria inclinou-se, e ainda inclina-se, por acreditar que se trataria de um ensaio neurológico, de uma espécie de recaída em especulações de natureza fisiológica que seriam depois abandonadas em favor de uma doutrina completamente psicológica<sup>8</sup>.

Contudo, um exame mais aprofundado das teses formuladas, graças à edição completa da correspondência Freud–Fliess (1985-1996), permite estabelecer novas hipóteses sobre os propósitos de Freud<sup>9</sup>. Na verdade, *Entwurf* é uma continuação de dois escritos anteriores: *Zur Auffassung der Aphasien* e *Quelques Considérations pour une Étude Comparative des Paralysies Motrices Organiques et Hystériques* (1893). No primeiro, Freud havia repudiado a teoria fisiológica de Meynert e, dessa forma, a concepção contemporânea da afasia. Ele a substituiu por uma outra baseada nas noções de representação de palavra e de objeto. Todas as duas foram pensadas como representações complexas, onde a de palavra é organizada pela imagem acústica e a de objeto pela imagem visual.

Conforme uma nota de rodapé, a inspiração para as duas noções decorreu da leitura das obras supracitadas de J.S. Mill: *A System of Logic* e *An Examination of Sir William Hamilton's Philosophy*<sup>10</sup>. A primeira obra foi lida em tradução para o alemão, e Freud remete o leitor para o capítulo III do Livro I, onde Mill trata da relação entre as coisas e os nomes. A segunda obra, lida no original, é um grosso volume com mais de 500 páginas, que encerra uma diatribe contra a filosofia de Hamilton, pensador escocês partidário da corrente intuicionista e que mesclava, com o grau de felicidade que Mill assinalou, certas teses derivadas do idealismo alemão com a filosofia do senso comum escocesa.

Acredito que seja possível evidenciar que Freud retira de Mill uma teoria nominalista da significação, ou seja, que ele toma como pressuposto de sua teoria do aparelho da linguagem em *Zur Auffassung* que os nomes remetem sempre a coisas<sup>11</sup>. Assim, as afasias seriam fundamentalmente de três tipos: afasias verbais, onde há uma perturbação na representação de palavra, afasias assimbólicas, um distúrbio na relação entre representação de palavra e de objeto, e afasias agnósticas, um problema na representação de objeto. Em suma, uma afasia decorreria sempre de algum dano ou no nome, ou no objeto, ou na relação entre ambos. Em *Quelques* Freud procura assinalar como o sintoma histérico pode ser pensado como um caso de afasia assimbólica. Na histeria, haveria a formação de símbolos privados devida a uma perturbação, um conflito psíquico, que cindiria a relação entre o nome e a coisa, de tal maneira que esta não seria mais evocada pelo seu nome, mas por um outro. A discrepância entre os nomes terminaria por produzir contra-sensos. Desfazê-los exigiria encontrar o nome adequado para a coisa nomeada.

Entretanto, parece existir uma tensão conceitual que se colocaria desde o primeiro momento de *Entwurf*. Se a construção do aparelho psíquico faz-se em termos atomistas, compatíveis com a teoria da significação posta em prática, a mesma construção acaba por revelar uma natureza holista e intencional. A própria concepção de *símbolo privado* pressupõe que não esteja no poder da histeria alterar as relações que governam os vínculos entre atos e suas justificativas verbais<sup>12</sup>. Em outros termos, Freud escoraria os desvios da fala em uma pretensa normatividade imposta pelo exercício da prática lingüística. Assim, nossa tarefa inicial pode ser pensada como uma tentativa de responder à questão sobre a possibilidade de conciliar o atomismo pressuposto na relação entre nome e objeto com o caráter intencional presente no uso da linguagem.

Procurei ressaltar em *Freud: racionalidade, sentido e referência* como a

teoria freudiana poderia ser pensada como uma teoria que considera que os chamados atos irracionais do homem seriam no fundo atos racionais (Galbi Júnior, 1994). Estou definindo atos irracionais ou como atos que parecem escapar ao domínio da razão ou como atos que parecem contrariá-la. No primeiro caso, podemos incluir os sonhos, os chamados atos falhos, determinados tipos de compulsão. No segundo caso, os atos que parecem contrariar *as boas regras da lógica*. Essas tentativas de definição escondem, no entanto, várias dificuldades. Os sonhos aparecem como manifestações mais propriamente não racionais do que irracionais porque aparentemente lhes falta a condição de poderem ser considerados como produtos da vontade de um agente. Dificilmente pensamos o sonho como um fenômeno voluntário, como pertencendo à mesma categoria de atos nos quais realizamos uma determinada ação com o objetivo de alcançar alguma coisa. Sequer, a não ser como brincadeira, podemos fazer proferimentos como *amanhã vou ter tal sonho*. No caso de atos falhos, quando, por exemplo, esquecemos um objeto ou proferimos uma palavra diferente daquela que pretendíamos, também temos a impressão de que houve um ato completamente involuntário, de que ele não foi o resultado de nossa vontade. Finalmente, as compulsões pela sua própria natureza de se apresentarem como expressando algo que se impõe ao agente, que escapa ao domínio do seu querer, tampouco parecem pertencer ao campo do irracional. Para podermos considerá-los como atos irracionais precisamos inicialmente modificar uma relação muito estreita que parece existir entre a noção de vontade e a noção de consciência. Em todos os três casos estivemos supondo que para poder usar o adjetivo *voluntário* era preciso pensar imediatamente no adjetivo *consciente*. Assim, alguém não pode transformar um sonho em um ato voluntário porque o sonho não é um fenômeno que resulte de uma vontade consciente. Os sonhos ocorrem e ponto final. Para podermos considerar sonhos, atos falhos e compulsões como atos irracionais é preciso que separemos a noção de vontade da noção de consciência, é preciso acreditar que o domínio da vontade estenda-se para além da consciência. Em relação aos atos que parecem contrariar *a boa lógica*, a noção de irracional parece impor-se unicamente pelo fato de ir contra aquilo que consideraríamos racional realizar. Evidentemente, estamos no domínio da razão prática onde tem sentido falar-se em algo como *liberdade de ação*. Se alguém age porque é coagido a fazê-lo não podemos julgar o seu ato como racional ou irracional na medida em que ele apenas executou a vontade de um outro. Assim, quando falamos em racionalidade parece que estamos nos movendo em um espaço semântico no qual encontramos uma série de noções como vontade, consciência, liberdade de escolha. A contribuição de Freud para

esse debate consiste em ampliar de forma absoluta uma noção estreitamente vinculada às três anteriores: a noção de responsabilidade. Para ele, nós somos responsáveis por nossos sonhos, atos falhos, obsessões, e por todos os atos que parecem contrariar os princípios da *boa lógica*<sup>13</sup>.

Davidson em *Paradoxes of Irrationality*<sup>14</sup> define ato irracional como “o fracasso, dentro de uma mesma pessoa, em ser coerente ou consistente dentro de um certo padrão de crenças, atitudes, emoções intenções e ações” (p. 290); ou simplesmente “pelo fato de que há uma causa mental que não é uma razão” (p. 298). Ele acredita que uma teoria sobre os atos irracionais deveria obedecer a três teses que reconhece como estando presentes na obra freudiana: conceber a mente como dividida em certas instâncias (T<sub>1</sub>); as instâncias apresentam uma certa independência entre si (T<sub>2</sub>); as relações causais entre as partes são não lógicas (T<sub>3</sub>).

T<sub>1</sub> supõe que a mente não opera como um todo unificado. Sua justificativa reside em afastar a crença, chamada de *Plato Principle* por Davidson (1982, p. 294), de que os atos acráticos não existem. Toda situação em que se poderia afirmar que um agente estaria indo contra seu melhor juízo dever-se-ia à ignorância, desde que “ninguém agiria voluntariamente contra aquilo que ele reconhece como sendo o melhor...”. O argumento remonta a uma observação de Aristóteles (1986, p. 635) sobre Sócrates, presente em vários diálogos platônicos, retirada do livro VIII, 3 da *Ética Nicomachea*: “Para ele, com efeito, ninguém age em contraste com aquilo que julga que seja o melhor, os que agem desta maneira é por ignorância”.

T<sub>2</sub> também tem a mesma função, dado que cada uma das instâncias pode ter diferentes considerações sobre aquilo que poderia ser reconhecido como sendo o melhor juízo; ou seja, está presente em T<sub>2</sub> a tese de que há diversos candidatos a serem tomados como sendo o melhor juízo. Há, assim, uma diversidade de intenções: no caso em estudo, uma pluralidade de desejos que podem ser considerados como prioritários. Portanto estamos diante de um primeiro paradoxo: cada instância é racional, mas o resultado pode ser um ato acrático. Em outros termos, a irracionalidade supõe um núcleo de racionalidade. Se todas as instâncias forem intencionais, também estará afastado o segundo obstáculo que se poderia colocar no caminho de uma teoria sobre os atos irracionais, denominado por Davidson de *Medea Principle*. Este reza que os atos acráticos seriam não intencionais. Por conseguinte, o agente seria vencido por algo que lhe é externo, que se imporá como uma

força alheia a sua vontade.  $T_2$  também evita o argumento aristotélico de que o agente cometeu um ato acrático porque se esqueceu de que havia uma melhor alternativa e faz a forte suposição de que haveria um conflito entre atos intencionais oriundos de instâncias diferentes.

$T_3$  está ligada à concepção davidsoniana da anomalia do mental. Este não pode ser subsumido a leis, logo, não há leis nem psicológicas, nem psicofisiológicas. Os eventos mentais seriam idênticos aos eventos físicos. Em qualquer um dos casos são pensados como particulares, individualizados pela sua ocorrência no espaço e no tempo. Mas os eventos podem ser descritos ou de forma mentalista — e, neste caso, coloca-se a questão da racionalidade —, ou de forma fisicalista onde a questão não se põe, mas há leis. Portanto,  $T_3$  propõe que as partes da mente, descritas em uma linguagem fisicalista, seriam nomológicas. Contudo, se as descrevermos em termos mentalistas,  $T_3$  poderá ser vista como a suposição de que “no caso de irracionalidade, a relação causal permanece, enquanto a relação lógica está ausente ou está distorcida” (Davidson, 1982, p. 298), isto é, quando descrita em termos mentais, produz contra-sensos. Para os nossos propósitos podemos reformular  $T_3$  como a tese de que o resultado do conflito entre as instâncias é a produção de uma “causa mental que não é uma razão para o que ela causa” (p. 298), ou seja, o conflito leva à produção de atos aparentemente irracionais.

As teses podem ser expressas da seguinte maneira:

- $T_1$  – há uma divisão do aparelho psíquico em vários sistemas;
- $T_2$  – em cada sistema há uma forma particular de organizar o desejo;
- $T_3$  – atos aparentemente irracionais resultam do conflito entre os desejos presentes nos diversos sistemas.

Toda vez que um proferimento  $P_1$  for um contra-senso, é preciso supor, seguindo Freud, que existiria um proferimento  $P_2$  dotado de sentido. Encontramos em *Entwurfeiner Psychologie*, a descrição do caso Emma. Esta paciente acreditava que não podia entrar em uma loja sozinha porque os balconistas iriam rir do seu vestido. Podemos descrever a crença de Emma, seguindo uma indicação do próprio texto, como a conclusão do seguinte silogismo prático:

- $P_1$  – Emma pretende que não riam do seu vestido.
- $P_2$  – Emma considera que pode impedir que riam do seu vestido desde que não entre em uma loja sozinha.

- C – Emma não entra sozinha em uma loja.

A análise descobre que no lugar do proferimento “riam do seu vestido” deveria estar “o confeitiro violentou-me” e no lugar de “entrar em uma loja sozinha”, “entrar em um local onde se é violado”; ou seja, existiu uma alteração de sentido que torna a crença de Emma aparentemente irracional: o riso dos vendedores, apresentado como causa mental, não pode ser a razão do temor de entrar em uma loja sozinha. A relação lógica entre os termos não se sustenta, é inconsistente, incoerente. Entretanto, Freud acredita que só poderá resolver a relação de inconsistência, portanto, uma relação de sentido, se for capaz de encontrar a referência dos proferimentos iniciais. Quando são descobertos, o temor de Emma pode ser apresentado de uma forma que o torna racional:

- P<sub>1</sub> – Emma não deseja ser violada.
- P<sub>2</sub> – Emma acredita que pode impedir a violação desde que evite um local onde possa ser violada.
- C – Emma não entra neste local.

É precisamente no exame do caso Emma que podemos retomar a querela entre as duas principais leituras da psicanálise. Para Ricœur (1965), o representante inicial da corrente hermenêutica, *Entwurf* poderia ser descrito como “une énergétique sans herméneutique”. Ora, o exame feito acima revelou que há uma tentativa, por parte de Freud, de relacionar sintoma e nome, isto é, que está presente um certo tipo de hermenêutica. Na teoria apresentada em *Entwurf* o termo *motivo* é descrito como um caminho preferencial de eliminação de uma certa quantidade, ou melhor, como o resultado da comparação entre uma certa quantidade e todas as outras quantidades presentes em um determinado instante (Freud, 1995, nota 35, p. 120). Em outras palavras, as relações de intencionalidade resultam de um mecanismo. Assim, a hermenêutica presente é uma hermenêutica naturalista, ou seja, uma interpretação baseada na crença de que os nomes têm uma função denotativa. A leitura hermenêutica deseja abandonar o naturalismo de Freud porque considera com Kant que seria impossível organizar a experiência a partir de um princípio gerado pela própria experiência. As tentativas de Freud de fundamentar a experiência analítica em um evento originário dariam testemunho exatamente desta impossibilidade. Para a leitura naturalista, o que está em jogo é o fato de a teoria da denotação de Freud ser ainda uma teoria psicológica, inadequada para garantir à psicanálise o estatuto de cientificidade.

A questão talvez se torne menos nebulosa se nos voltarmos para a tarefa

de esclarecer e de determinar o contexto filosófico dentro do qual foi construída a teoria desenvolvida em *Entwurf*. Na nossa tentativa de sua reconstrução não se poderia deixar de recorrer ao belo trabalho de Monzani, *Desejo e prazer na Idade Moderna* (1995). Ele mostra, com extrema clareza e precisão, como há uma corrente filosófica que vai de Hobbes a Condillac e que naturaliza a noção de desejo e concebe a intenção como resultado de um mecanismo. Nesse sentido, seria, sem dúvida, muito instrutivo contrapor as soluções de Condillac e as de Freud na tentativa de elaborar uma teoria da mente. Na monumental obra de Halévy, *La formation du radicalisme philosophique* (1901-1904), encontramos o fio condutor que leva dos sensualistas franceses aos utilitaristas. Para nós, resta a empresa de mostrar, contra a corrente principal dos intérpretes de Freud, como o pensamento desse autor retoma toda a problemática utilitarista dentro de um novo vocabulário<sup>14</sup>. Acreditamos que seja possível revelar, a partir desse contexto, o papel que a fala desempenha na teoria freudiana, justificar a eterna busca por uma origem que nunca parou de recuar, e, até mesmo, lançar uma nova luz sobre os chamados escritos sociais de Freud<sup>15</sup>.

### ***Entwurf* lido dentro do contexto do Utilitarismo**

Se aceitarmos que o contexto filosófico de *Entwurf* é o utilitarismo de Stuart Mill<sup>16</sup>, toda uma série de problemas metapsicológicos poderão ser entendidos como a tentativa de resolver certas questões filosóficas colocadas pela própria doutrina inglesa. Como já repetimos mais de uma vez, não se trata de assimilar Freud a Stuart Mill ou ao utilitarismo, mas de mostrar, por exemplo, o que ocorre quando uma teoria da mente que partilha de algumas das teses da teoria da mente de Mill é descrita, como se dá em Freud em *Entwurf*, em terceira pessoa<sup>17</sup>.

Encontramos em *Entwurf* os mesmos termos básicos do vocabulário de Mill: sensação, eu, consciência e representação, mas também estão presentes algumas crenças do filósofo inglês. Por exemplo, o único ponto firme e acessível do qual se pode partir são as sensações: elas são os únicos elementos que conhecemos. Todo o resto resulta de inferências. Não temos conhecimento direto nem do mundo<sup>18</sup>, nem da mente<sup>19</sup>. O problema fundamental do aparelho psíquico, concebido por Freud, consiste em criar critérios que permitam diferenciar percepção de representação, uma vez que a única diferença essencial entre elas seria de natureza quantitativa<sup>20</sup>. Para tanto, ele supõe que a função primordial do eu seja criar as condições adequadas para que tal diferenciação seja possível.

Assim, a função fundamental do eu é inibir o processo primário. Este, por sua vez, envolve justamente a perda dessa capacidade de diferenciação. Ora, como é possível, sem cair na fantasia, no mito, nos desvarios da razão, supor a existência de uma entidade que visaria organizar a experiência e, ainda assim, surgiria ela própria da experiência<sup>21</sup>? A resposta de Freud, como a de Mill<sup>22</sup>, é a mesma: a palavra pensada como nome. O eu, enquanto lugar onde devem ocorrer os processos secundários, envolve sempre uma consciência verbal que se dá sempre *a posteriori*, pois é consciência de uma representação. As duas vivências fundamentais, satisfação e dor, constroem em *Entwurf* o equivalente da noção de expectativa em Mill<sup>23</sup>. Por conseguinte, o aparelho psíquico está ancorado nas leis da mente, simultaneidade e sucessão, e no princípio da utilidade: evitar a dor e buscar o prazer. A grande diferença entre os dois autores está em que Freud, dado que a sua descrição é em terceira pessoa, concebe a mente sem centro, sem núcleo. Essas poucas referências à teoria de *Entwurf* já são suficientes para desfazer um aparente paradoxo, mencionado anteriormente<sup>24</sup>.

O caráter holista está dado pela noção de expectativa que envolve a ativação de circuitos constituídos pelas vivências de dor e de satisfação. A despeito de cada elemento do circuito ser independente um do outro, eles são associados externamente pela lei da simultaneidade e, assim, aparecem sempre e unicamente sob a forma de uma totalidade. Contudo, resta explicar qual é a referência última para o nome. Freud acredita que possam ocorrer processos primários no eu<sup>25</sup>. Para tanto, ele é obrigado a acreditar que, no caso dos neuróticos, haveria uma liberação sexual em uma época em que a sexualidade ainda não podia ser representada. O sintoma resultaria, por conseguinte, do reconhecimento, com posterioridade, de que uma representação era de natureza sexual<sup>26</sup>. Se todo o processo inicia-se com uma sensação corporal, a representação visada pelo processo de defesa é justamente aquela que representa a sensação sexual, ele termina por produzir, como estudamos no caso Emma, contra-sensos. Assim, o sintoma indica que um nome não apropriado tomou o lugar de um apropriado. Emma utiliza-se de nomes incorretos para referir-se a uma sensação sexual. Uma vez que a consciência das representações só pode ser dada pelas palavras, ela não sabe conscientemente que, ao usar o termo 'loja', ela está se referindo a um lugar de sedução, que a nova liberação sexual, produzida quando a representação da sensação sexual corporal foi reconhecida enquanto sexual, não decorre da visão do balconista que ri mas do próprio processo interno de reconhecimento. A referência última para o nome é, por conseguinte, sempre uma sensação sexual. Todo o processo de investigação

de Freud está voltado para encontrar este elemento fundador que só pode ter a garantia de sua possibilidade no próprio ato de nomeá-lo, condição esta que partilha com toda, e qualquer sensação. A especificidade das sensações sexuais reside no fato de no início elas não poderem ser representadas *qua* sexuais<sup>27</sup>.

Todavia um partidário da corrente hermenêutica, poderia recordar que a minha descrição aplica-se apenas a *Entwurf*, que, no mínimo, a partir de *Traumdeutung* as coisas já seriam diferentes. Para Ricœur, por exemplo, haveria nessa obra uma articulação entre energética e hermenêutica. Portanto, nossas considerações, para alcançarem uma amplitude maior, envolvem uma pesquisa minuciosa de inúmeras escritos de Freud. Um primeiro passo na sua direção seria, por conseguinte, comprovar que também a teoria do aparelho psíquico desenvolvida no famoso Capítulo VII de *Traumdeutung* estaria dentro do contexto filosófico sugerido, que ela não marcaria o início de um movimento de abandono, por parte de Freud, do naturalismo, que, ao contrário, ela poderia ser entendida como a sua consolidação.

## Bibliografia

- ARISTÓTELES. *Ética nicomachea*. Trad. M. Zanatta. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli, 1986. v.2.
- BERNFELD, S. Freud's earliest theories and the school of Helmholtz. *The Psychoanalytic Quarterly*, v. 13, p. 341–62, 1944.
- BOELICH, W. (Org.) *As cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- BREUER, J., FREUD, S. Studien über Hysterie. *Gesammelte Werke*. Frankfurt: S. Fischer (1895), 1987. Band I.
- CIOFFI, F. Through the psychoanalytoscope. *London Review of Books*, 25 jan. 1996, p. 22–3.
- DAVIDSON, D. Paradoxes of irrationality. In: WOLLHEIM, R. (Org.) *Philosophical essays on Freud*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982. p. 289–305.
- ETCHEVERRY, J. L. Sobre la versión castellana. In: *Obras completas Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu, 1981.
- FREUD, S. *Zur Auffassung der Aphasien*. Leipzig und Wien: Deuticke, 1891.
- \_\_\_\_\_. *Aus den Anfängen der Psychoanalyse. Briefe an Wilhelm Fließ; Abhandlungen und Notizen aus den Jahren 1887–1902*. Orgs. M. Bonaparte, A. Freud und E. Kris. London: Wiederauflage Frankfurt a. M., 1950.
- \_\_\_\_\_. *Traumdeutung*. In: *Gesammelte Werke*. Frankfurt: S. Fischer (1900), 1976. Band II/III.

- \_\_\_\_\_. Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie. In: *Studienausgabe*. Frankfurt: S. Fischer (1905), 1982a. Band V.
- \_\_\_\_\_. Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse. In: *Studienausgabe*. Frankfurt: S. Fischer (1933), 1982b. Band I.
- \_\_\_\_\_. Hysterie. In: *Gesammelte Werke*. Frankfurt: S. Fischer (1888), 1987b. Band I.
- \_\_\_\_\_. Quelques considérations pour une étude comparative des paralysies motrices organiques et hystériques. In: *Gesammelte Werke*. Frankfurt: S. Fischer (1893), 1987c. Band I.
- \_\_\_\_\_. *Sigmund Freud Briefe an Wilhelm Fließ*. 1887–1904. Org. J. M. MASSON, e M. SCHRÖTER. Frankfurt: S. Fischer, 1987d.
- \_\_\_\_\_. Zur Psychotherapie der Hysterie. In: Studien über Hysterie. In: *Gesammelte Werke*. Frankfurt: S. Fischer (1895), 1987e. Band I.
- \_\_\_\_\_. *Projeto de uma psicologia*. Trad. seguida de notas de O. F. Gabbi Júnior. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- GABBI JÚNIOR, O. F. *Freud: racionalidade, sentido e referência*. Campinas: Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, 1994. (Coleção CLE, v. 13).
- GIANNOTTI, J.A. John Stuart Mill: o psicologismo e a fundamentação da lógica. *Boletim: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP*, n. 269, 1964.
- HABERMAS, J. *Knowledge and human interests*. Trad. J. Shapiro. London: Heinemann, 1972.
- HALÉVY, E. *La formation du radicalisme philosophique*. Paris: Alcan, 1901-1904. 3v.
- \_\_\_\_\_. *The growth of philosophical radicalism*. Trad. J. Plamenatz. New Jersey: Clifton, 1972.
- KANT, I. *Kritik der reinen Vernunft*. In: *Werkausgabe*. Frankfurt: Suhrkamp, 1981. Band III, p. 132–3.
- LEVIN, K. *Freud: a primeira psicologia das neuroses*. Trad. Á. Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- MILL, J. S. *An examination of Sir William Hamilton's philosophy*. In: *Collected works of John Stuart Mill*. Toronto: University of Toronto Press, 1979. v. IX.
- \_\_\_\_\_. *A system of logic, ratiocinative and inductive*. In: *Collected works of John Stuart Mill*. Toronto: University of Toronto Press, 1974. v. VII.
- MONZANI, L.R. *Desejo e prazer na idade moderna*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.
- NASSIF, J. *Freud l'inconscient*. Paris: Editions Galilée, 1977.
- RICOEUR, P. *De l'interprétation*. Paris: Seuil, 1965.
- SARTRE, J-P. *A imaginação*. Sartre. Trad. L. R. S. Fortes. São Paulo: Editora Abril, 1978. p. 35-107. (Os Pensadores)

- SILBERSTEIN, B. Freud's psychology and its organic foundation: sexuality and mind-body interactionism. In: *Psychoanalytic Review*, v. 72, n. 2, p. 203–28, 1985.
- STEPHAN, A. *Sinn als Bedeutung*. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 1989.
- TUGENDHAT, E. O Eu. Trad. de G. A. de Almeida. *Analytica*, v. 1, n. 1, p. 9–23, 1993.

## NOTAS

1. Stephan, 1989, p. 111-149, onde se trata da controvérsia sobre a interpretação hermenêutica da teoria de Freud sobre o significado. Minha concordância com Stephan termina quando ele pretende substituir a teoria de Freud, corretamente identificada como uma teoria psicológica da significação, por uma outra inspirada em Frege.
2. Há um terceiro tipo de crítica — que prolifera nos Estados Unidos —, que nega qualquer valor à psicanálise e que considera Freud uma espécie de charlatão. Seu mais insistente pregador é sem nenhuma dúvida Frederick Crews. No entanto, outros estudiosos, como Frank Cioffi, são relevantes para a filosofia da psicanálise. Por exemplo, Cioffi, ao resenhar a recente tradução inglesa de um pequeno ensaio de Bouveresse, *Freud et Wittgenstein*, observou com inteligência que “... a objeção reveladora contra Freud não está em ele ser um pseudo-cientista mas um pseudo-hermenêuta”. (*London Review of Books*, 25 jan. 1996, p. 22.)
3. No decorrer do presente ensaio apresentaremos alguns indícios que tornarão a nossa hipótese mais digna de crédito, menos arbitrária. Contudo, comparar dois pensadores é sempre a via mais rápida para praticar injustiças tanto contra um como contra o outro. Para evitá-las, é preciso assinalar com a devida precisão o ponto comum, o ponto que nos levou a relacioná-los. No caso presente, trata-se de demarcar uma filiação filosófica. Por conseguinte, o sentido de estudar as especulações de Freud não é ou mostrar a ausência de cientificidade da psicanálise, ou que se trata de uma hermenêutica que se desconhece enquanto tal, ou o seu caráter de ser um pura invenção que encontrou guarida por razões sociais, etc. Nosso objetivo é indicar que as noções psicanalíticas são interessantes para pensar filosoficamente certas questões.
4. Kant, 1981, p. 132-3, principalmente na passagem: “Der erste dieser beiden berühmten Männer (Locke) öffne der *Schwärmerei* Tür und Tor, weil die Vernunft, wenn sie einmal Befugnisse auf ihrer Seite hat, sich nicht mehr durch unö bestimmte Anpreisungen der Mäßigung in Schranken halten läßt; der zweite (Hume) ergab sich gänzlich dem *Skeptizism*, da er einmal eine so allgemeine für Vernunft gehaltene Täuschung unseres Erkenntnisvermögens glaubte entdeckt zu haben.”

5. Para assinalar como a teoria da significação de Freud deriva de uma certa leitura de Mill, é preciso retomar à referência feita em *Zur Auffassung* a Mill (Freud, 1891). Ali é mencionado o capítulo III do Livro I de *System*, onde se trata das coisas denominadas pelos nomes. O filósofo inglês procura expor uma teoria da prova que nega a possibilidade de existirem proposições que possam ser conhecidas *a priori*. Todas as proposições que têm conteúdo cognitivo seriam *a posteriori*. Assim, nenhum conhecimento poderia ser construído a partir de princípios *a priori*. Sua filosofia caracteriza-se, portanto, por uma forte crença no naturalismo. A opção por essa doutrina tem dois desenvolvimentos possíveis: o ceticismo e o empirismo. Tanto Freud como Mill adotam o segundo e negam o primeiro. Os dois capítulos iniciais de *A System* tratam, respectivamente, da necessidade de começar por uma análise da linguagem e dos nomes. No primeiro, encontramos uma definição de Hobbes que, como veremos, é muito reveladora para o estudo de certas teses de Freud em *Entwurf*. “Qualquer coisa que possa ser objeto de uma crença, ou mesmo descrença, tem de, quando colocado em palavras, assumir a forma de uma proposição”. (p. 20) Uma proposição é concebida como formada de três partes: o sujeito (o nome que denota a pessoa ou coisa de que algo é afirmado ou negado), a cópula (o sinal que denota que há uma afirmação ou negação) e o predicado (o nome que denota o que é afirmado ou negado). Dessa forma, todo ato de crença implica no mínimo uma relação entre dois nomes. (p. 21) No segundo capítulo, Mill dedica-se ao estudo dos nomes. Segundo ele, as coisas nomeáveis são as coisas que pertencem à mente, os sentimentos: sensações, pensamentos, emoções e volições; as substâncias: corpo e mente, e os atributos: qualidade, quantidade e relações. O corpo é pensado como a causa desconhecida de nossas sensações, e a mente como recipiente desconhecido das sensações. Os atributos estão sempre fundados em sentimentos ou estados de consciência. Assim, as coisas nomeáveis são, em suma, os sentimentos ou estados de consciência, as mentes que experimentam os sentimentos, os corpos exteriores que excitam alguns desses sentimentos e as sucessões e coexistências, semelhanças e dessemelhanças. No capítulo anterior, Mill havia exposto a sua teoria sobre os nomes. Estes são pensados sempre como nomes de uma coisa. Das várias distinções feitas, uma é pertinente para a compreensão da teoria freudiana. Mill diferencia os nomes conotativos dos não-conotativos. Os primeiros denotam um sujeito e implicam um atributo, enquanto os segundos ou denotam um sujeito ou implicam um atributo. Os nomes próprios, por exemplo, são não-conotativos, ou seja, eles não informam nada sobre o objeto, não tendo, portanto, significação. A teoria da significação utilizada por Freud, no entanto, supõe que a única função das palavras é denotativa, ao contrário de Mill que reconhece que os nomes também podem referir-se a propriedades das coisas. Em 1891, em *Zur Auffassung*, Freud explicitamente recusou

que os nomes pudessem referir-se a adjetivos: “Mas a palavra adquire seu significado (*Bedeutung*) através da ligação com a ‘representação de objeto’, pelo menos quando limitamos nossa consideração aos substantivos.” (p. 79).

6. O interesse de Freud pela filosofia manifestou-se, pelo menos, desde a sua entrada na Universidade de Viena, como atestam suas cartas a Silberstein. (Boelich, 1995.) Na correspondência com Fliess (Freud, 1987) a preocupação com a filosofia está presente em diversas ocasiões; por exemplo, em 25/5/95: “A principal razão é que um homem como eu não pode viver sem um cavalo de batalha, sem uma paixão dominante, sem um tirano, para falar como Schiller, e isto aconteceu comigo. A seu serviço, também não conheço nenhuma moderação. É a psicologia ...” (p. 130); em 1/1/96: “Vejo como você alcança, por meio de o trato da prática médica, o primeiro ideal de compreender os homens como fisiólogo, e como eu, em segredo, alimento a esperança de por intermédio de o mesmo caminho chegar à minha meta inicial, a filosofia.” (p. 165) A relação entre psicologia e filosofia é sugerida em carta de 2/4/96: “Quando jovem não conheci nenhum outro anseio do que pelo conhecimento filosófico e estou agora a ponto de realizá-lo, na medida em que passo da medicina para a psicologia.” (p. 190)
7. Trata-se de mostrar o papel inegável que a fala desempenha no modelo construído em *Entwurf*. Contudo, aceitá-lo não implica na monstrosidade epistemológica que consiste em supor que estaríamos diante do *Cours de Linguistique Générale* de Saussure, exposto em um outro vocabulário.
8. Ver, por exemplo, Levin (1980, p. 150), onde encontramos os seguintes comentários, todos rigorosamente equivocados: “Na parte final de 1895, Freud dedicou esforços consideráveis ao desenvolvimento de explicações fisiológicas para fenômenos psicológicos. Ele tinha, é claro, evitado sistematicamente tais modelos em seus estudos de hipnose e histeria, e a sua única incursão anterior pela Fisiologia dos Fenômenos Psicológicos (ou Psicofisiologia) foram algumas observações sobre o aparelho da fala em *Sobre Afasia*. A inversão por Freud de sua anterior tendência para evitar o que ele caracteriza como especulação fútil foi instigada, primordialmente, por seus trabalhos sobre neurastenia e neurose de ansiedade, e sua tentativa de construir uma teoria geral das neuroses”.
9. Entre outras coisas ficamos sabendo que a idéia de escrever *Entwurf* iniciou-se por volta de 1894 (Ver Manuscrito D, sem data, mas colocado pelos editores da edição completa logo após a carta de 21/5/1894 para Fliess), que as hipótese sobre histeria e hipnose combinavam teses psicológicas e fisiológicas, que o estudo de Freud iniciou-se pela neurastenia e não pelas neuroses chamadas, a partir de 1894, de neuroses de defesa.

10. Mill, 1973. Mill, 1979. Em *Zur Auffassung*, Freud (1891, p. 80) observa: “Inferimos da filosofia que a representação de objeto não contém nada de diferente além da aparência de uma ‘coisa’ sobre a qual falam as diferentes ‘propriedades’ das impressões dos sentidos que recebemos de um objeto; todavia admitimos a possibilidade de uma série maior de novas impressões dentro da mesma cadeia associativa”.
11. Há uma série de indícios que apontam para o fato de que *Entwurf* teria sido construído sobre o solo da filosofia de Mill. Por exemplo, Mill (1974, p. 852) devotado à lógica das ciências morais, no quarto capítulo, as leis da mente são enunciadas: “Primeiro: sempre que algum estado de consciência tenha sido excitado em nós (é irrelevante sua causa), um grau inferior do mesmo estado de consciência, um estado de consciência que se assemelha ao anterior, mas inferior em intensidade, é capaz de ser reproduzido em nós, sem a presença de qualquer uma das causas que o incitou na primeira vez. [...] Segundo: Essas idéias, ou estados mentais secundários, são excitados por nossas impressões, ou por outras idéias, de acordo com certas leis, chamadas de Leis de Associação. Destas leis, a primeira reza que idéias similares tendem a excitar-se entre si. A segunda reza que quando duas impressões foram freqüentemente experimentadas (ou pensadas a respeito) ou simultaneamente ou em sucessão imediata, sempre que uma dessas impressões, ou a sua idéia, recorrer, ela tende a excitar a idéia da outra. A terceira lei reza que a maior intensidade de uma ou de ambas as impressões equivale, ao torná-las excitáveis por uma outra, a aumentar a freqüência da conjunção”. Freud recorre de forma extensa a essas considerações de Mill.
12. Ver em *Zur Psychotherapie der Hysterie* a seguinte passagem: “Isto é, tem-se o direito de colocar para uma linha de pensamento de um histérico, e também estendido ao inconsciente, as mesmas exigências de ligação lógica e de motivação suficientes que se impoariam no caso de um indivíduo normal. Um afrouxamento dessas relações não está na jurisdição da neurose. Se as ligações de representações dos neuróticos e, em especial, dos histéricos, derem uma outra impressão, se aqui a relação de intensidade das diferentes representações parece inexplicável apenas a partir de condições psicológicas, já travamos conhecimento, no entanto, com a razão dessa aparência e sabemos que devemos atribuí-la à existência de motivos ocultos inconscientes. Também temos o direito de conjecturar tais motivos secretos em todos os lugares onde couber comprovar tais saltos na concatenação, uma transgressão da medida normal de motivação legítima.” (Freud, 1987e, p. 298).
13. Tugendhat, em uma conferência pronunciada na UFRJ sobre a noção de *Eu*, traz à baila um sério obstáculo para as pretensões de Freud no domínio da razão prática. Dado que Tugendhat concebe a responsabilidade como dependendo não só da vontade como também da capacidade de deliberar,

a psicanálise não poderia ter a pretensão de ampliar o domínio da responsabilidade. Pois a noção de vontade inconsciente recorreria ou à hipótese de um inconsciente não lingüístico e, neste caso, não haveria como pressupor a presença no agente da capacidade de deliberar, ou suporia a existência de um inconsciente lingüístico, o que seria um contra-senso. Nas palavras de Tugendhat (1993, p. 16): “Ou, para colocá-lo de outra maneira, assim como o problema é tematizado, na Psicanálise, tudo se entende em proposições na terceira pessoa. O problema da liberdade fica coisificado”.

14. Acreditamos, como já deve ter ficado patente, que a *filosofia* que serviu de tela para Freud foi a filosofia de Mill. Como não queremos dizer que *Entwurf* seja um prolongamento da mesma, o que seria sem sentido, devemos procurar entendê-la no seu debate contra a filosofia idealista alemã. Só aí as dificuldades encontradas pelas noções centrais da psicanálise podem ser devidamente avaliadas e pensadas. Afinal, esses impasses estarão presentes em qualquer teoria que assuma pressupostos semelhantes.
15. Por exemplo, a coletânea de escritos, *Totem und Tabu*, poderia ser entendida como a tentativa de mostrar como houve um momento em que os interesses individuais e coletivos coincidiram e permitiram o aparecimento do social; ou seja, que o contrato é consequência da aplicação do princípio da utilidade.
16. Acredito que pelo menos três fatores contribuíram para tornar praticamente impossível estabelecer com precisão as relações entre o pensamento de Mill e o de Freud. O primeiro foi sem dúvida o difícil acesso às obras envolvidas. *Auffassung* só conheceu uma edição em alemão, a de 1891. A tradução para o inglês, *On Aphasia (Sobre a Afasia)*, de 1953, não é útil para qualquer trabalho de exegese. *Entwurf* só apareceu em alemão em 1950, cinquenta e cinco anos depois de ter sido redigido. Do lado da obra de Mill, a tarefa tampouco era fácil. *An Examination* tornou-se disponível, para a maioria dos pesquisadores, somente na nova edição de 1979, publicada pela Universidade de Toronto. Um segundo fator poderia residir na desconsideração, por parte dos psicanalistas, pelo estudo da história da filosofia; na verdade, no mundo anglo-saxônico, onde a psicanálise é uma espécie em extinção, há uma total aversão à filosofia. Onde ela não existe, como na psicanálise francesa, em especial, a de Lacan e de seus discípulos em suas múltiplas vertentes, o interesse pelo estudo da filosofia deu-se na direção de certos autores, como Hegel e Heidegger, que tornavam sem sentido qualquer aproximação entre Freud e o empirismo inglês. O naturalismo explícito da teoria psicanalítica transformou-se, assim, em um exemplo de leitura equivocada, ideológica, que não merecia ser feita, pois impediria um verdadeiro retorno a Freud. Por exemplo, Nassif (1977, p. 376-7) observa que: “Procuramos em vão no texto de J. S. Mill,

referido por Freud, uma caracterização assim de representação de objeto. Este autor, aliás, evita falar em termos de ‘representação’, conceito a seu ver demasiadamente marcado pelo kantismo; e trata-se nele menos de ‘associação’ do que dispor em série ...”, e um pouco mais adiante: “Ora, se for preciso procurar na filosofia algum autor capaz de patrocinar tal concepção de representação de objeto, parece-nos que seria preciso pensar mais em Brentano do que em J. S. Mill”. Os tradutores da Amorrortu, em *Sobre la versión castellana*, quando se referem a *Auffassung*, comentam que “o texto freudiano nos foi inclinando para a tradição do pensamento alemão” (Etcheverry, 1981, p. 26). No entanto, o exame de *Entwurf* mostra que a filosofia de Mill e as preocupações do utilitarismo são muito mais apropriadas dos que as de um Brentano ou as de um Fichte para compreender as questões e os problemas enfrentados por Freud.

17. O tipo de descrição encerra uma diferença acentuada com a filosofia de Mill. Freud acredita que a consciência forneça um conhecimento imediato de algo, ou seja, ter consciência do desprazer é saber imediatamente que se tem uma sensação de desprazer, mas descreve, diferente de Mill, os processos psíquicos em terceira pessoa. Não seria incorreto sugerir que a noção de inconsciente psíquico resulta da necessidade de acomodar três crenças distintas — naturalismo, fenomenismo e indução científica — com descrições em terceira pessoa.
18. Freud acredita que o mundo consista em massas em movimento.
19. A mente também é composta de massas, os neurônios, em movimento (a quantidade é concebida como uma diferença entre repouso e movimento).
20. Este problema foi tratado de forma relevante para os nossos propósitos por J.P. Sartre em *L’Imagination*, uma vez que ele critica toda concepção que parta da crença de que a diferença entre percepção e representação resida apenas no grau de intensidade de uma em relação a outra. A consciência tomaria consciência das coisas sob duas formas: enquanto coisas e enquanto imagens. Se coisa e imagem são pensadas como possuindo uma identidade de essência, trata-se da mesma estrutura, da mesma individualidade, elas difeririam enquanto forma de existência, pois as imagens não existiriam em si. Mas, segundo Sartre, se todos estão prontos para reconhecer que há uma diferença entre imagem e coisa de tal maneira que as duas não se confundem, haveria uma tendência a pensá-las como existindo da mesma maneira. A esta teoria *a priori* sobre a identidade de existência entre a imagem e coisa, Sartre denomina de “metafísica ingênu da imagem”, ou melhor, de “ontologia ingênu da imagem”. A leitura de Sartre, baseada em Husserl, leva a considerar a psicanálise de Freud como partidária dessa doutrina da “ontologia ingênu da imagem”, que acabaria por pensar o inconsciente como um depósito de representações. Não podemos esquecer que nesse ensaio o grande alvo é a teoria psicológica de Stuart Mill.

21. Freud (1995, p. 83) denomina o problema da gênese do Eu de “o problema mais obscuro”. Sem dúvida, uma dificuldade semelhante é encontrada na filosofia de Mill. Pois se o meu caráter resulta das associações que me foram impostas pelos outros, como ele pode tornar-se autônomo de modo a ter sentido a própria noção de liberdade?
22. Ver Giannotti, (1964, p. 108), em especial a seguinte passagem: “É, desse modo, essencial que, na constituição de um objeto exterior e até mesmo do próprio eu, apareça um invariante ligado ao grupo de possibilidades de sensações que o ajude a se manter autônomo e emancipado, diante da fluidez da sensação atual. Este elemento auxiliar é a palavra, cuja a relação com o objeto se, por um lado, é arbitrária na medida em que a cada objeto é possível associar qualquer complexo fonético, por outro, revela-se indispensável e essencial, pois o objeto não consegue obter autêntica perdurabilidade independente se não for unido a uma palavra que o exprime.” (p. 108)
23. A distinção entre percepção e representação é feita em função da quantidade envolvida. Dado que o empirismo de Freud está inspirado em Mill, portanto um empirismo pós-kantiano, ele não só conhece como tenta responder às questões formuladas por Kant. Por conseguinte, a memória desempenha um papel determinante na elaboração do aparelho psíquico, desde que se espera que este aparelho seja capaz de formar e manter expectativas.
24. Como conciliar o atomismo pressuposto na relação entre nome e objeto com o caráter intencional presente na linguagem?
25. Dado que *Entwurf* trabalha com a hipótese de que a sexualidade está ausente da infância e de que não há repressão no sonho, não iremos considerar o último, mas apenas os casos onde se formam sintomas de neuroses de defesa.
26. Uma vez que existem autores que acreditam que não haveria uma liberação sexual na cena originária (dado que para Freud todo processo inicia-se com uma sensação, seria interessante saber qual seria a natureza dessa sensação para esses autores.), é preciso citar a passagem crítica de *Entwurf*: “Die Erinnerung erweckt, was sie damals gewiß nicht konnte, eine *sexuelle Entbindung*, die sich in Angst umsetzt”. Ora, o objeto direto do verbo *erwecken* (despertar) e de *können* (poder) é o mesmo: tudo o que se segue a *eine sexuelle*. Segundo o Duden (R 110), “A vírgula é colocada entre a oração principal e a subordinada” (pág. 39). Ora, o *die* é um pronome relativo que se refere à expressão *eine sexuelle Entbindung* (uma liberação sexual). Por conseguinte, tanto a recordação despertou como o que naquela época não podia têm o mesmo objeto: uma liberação sexual que se converte em angústia. Em outras palavras, nas duas cenas ocorreu uma liberação sexual, mas apenas na última, a da recordação, a nova liberação sexual,

decorrente da recordação da antiga, pôde ser convertida em angústia. Um argumento adicional à nossa leitura está na própria continuação do texto, onde Freud explicita o que ocorreu com a angústia na cena I: ela se ligou a um temor em relação aos balconistas. A natureza da recordação é propícia à formação de sintoma porque ela se refere a uma sensação sexual ocorrida em uma época anterior ao aparecimento da sexualidade. Certamente, Freud precisa justificar a possibilidade de ocorrerem sensações sexuais antes da puberdade; no entanto, podemos compreender o motivo de a teoria ser chamada de *teoria da sedução* e não, por exemplo, *teoria da violação*. O fator patogênico está na sensação sexual e na impossibilidade de representá-la enquanto representação sexual em uma época precoce.

27. O leitor atento poderia interrogar-se se Freud não ficou atado às premissas fundamentais de um modelo baseado na noção de representação e que pensa que toda ação pressupõe sua execução prévia no domínio mental. Acredito que a investigação dessa suspeita poderia revelar que os grandes problemas da teoria, desde o seu início, residirão naquilo que, por alguma razão, escapa à possibilidade de ser representado. Assim, para exemplificar, podemos citar os dilemas de Freud em relação à angústia; mais tarde, em relação ao feminino. A introdução da noção de pulsão de morte parece decretar a falência do modelo baseado na representação, mas sem dúvida não é tarefa fácil determinar o que ocupa o seu lugar. Por outro lado, torna-se crucial compreender a nova teoria da significação que é colocada em funcionamento. Sem dúvida, a crença na existência de uma referência externa que explicaria o sintoma enquanto uma má representação não pode mais ser mantida, uma vez que a própria pulsão não é mais entendida enquanto representada, enquanto, para todos os efeitos teóricos, indissociável de sua representação.

